



University of  
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

**revista**fsa

[www4.fsnet.com.br/revista](http://www4.fsnet.com.br/revista)

Rev. FSA, Teresina, v. 16, n. 1, art. 4, p. 75-98, jan./fev. 2019

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2019.16.1.4>

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

WZB  
Wissenschaftszentrum Berlin  
für Sozialforschung



## Os Sertões: de Correspondência de Guerra a Livro-Reportagem

### Rebellion in the Blacklands: From War Correspondence to Book-Report

**Maria Jandyra Cavalcanti Cunha**

Doutora em Linguística pela Universidade de Lancaster  
E-mail: [jandacunha@gmail.com](mailto:jandacunha@gmail.com)

**Vitor de Abreu Córrea**

Doutorado em Comunicação pela Universidade de Brasília  
Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília  
E-mail: [abreu.correa@gmail.com](mailto:abreu.correa@gmail.com)

---

**Endereço: Maria Jandyra Cavalcanti Cunha**  
Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro, Asa  
Norte, 70910090 - Brasília, DF - Brasil.

**Endereço: Vitor de Abreu Córrea**  
Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro, Asa  
Norte, 70910090 - Brasília, DF - Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar  
Rodrigues**

**Artigo recebido em 05/11/2018. Última versão  
recebida em 20/11/2018. Aprovado em 21/11/2018.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review  
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review  
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação**



## RESUMO

Euclides da Cunha, um dos mais reverenciados correspondentes brasileiros de guerra, cobriu a revolta de Canudos (1896-7) para O Estado de S. Paulo e, mais tarde, escreveu, Os Sertões (1902). Este, ao longo do tempo, foi bastante estudado por pesquisadores de diferentes campos do conhecimento, porém pouco foi lembrado nos estudos de jornalismo. O objetivo deste trabalho é analisar o processo de hibridização desse livro que nasce de um relato empreendido para a imprensa e torna-se um tratado sociológico, além de um clássico da literatura.

**Palavras-chave:** Correspondência de Guerra. Livro-Reportagem. Processo de Hibridização.

## ABSTRACT

Euclides da Cunha, one of the most recognized Brazilian war correspondents, covered Canudos' insurrection (1896-7) to the newspaper O Estado de S. Paulo and later wrote Rebellion in the blacklands (1902). Over time this book has been studied by researchers of different fields of knowledge, though it was little remembered in the studies of journalism. The aim of this work is to analyze this process of hybridization in this book which starts as an account written to the press and becomes a sociological treatise, as well as a classic of literature.

**Keywords:** War Correspondence. Book-Report. Hybridization Process.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, partindo da conceituação de ‘livro-reportagem’ por estudiosos do jornalismo, fazemos uma reflexão teórica de *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Considerada uma obra híbrida, o livro foi ao longo do tempo (a primeira edição é de 1902) bastante estudado por pesquisadores de diferentes campos do conhecimento, porém pouco o tem sido nos estudos de jornalismo.

O *corpus* de nossa pesquisa inclui também outro livro do autor, que é menos conhecido do grande público: *Diário de uma expedição*. No conteúdo deste, identificamos a genealogia de *Os Sertões*. Organizado pela crítica literária Walnice Nogueira Galvão, *Diário de uma expedição* inclui as reportagens publicadas por Euclides da Cunha na cobertura jornalística que fez na guerra dos Canudos para *O Estado de S. Paulo*. Inclui também os telegramas enviados ao jornal paulista, além do artigo ‘A Nossa Vendaia’ escrito em duas partes, publicadas com o espaço de quatro meses (edições de 14/3/1897 e de 17/7/1897).

Em ‘A Nova Vendaia’, Euclides da Cunha expõe seu posicionamento em relação à guerra que, desde 1896, acontecia em Belo Monte, um vale entre colinas situado às margens do rio Vaza-Barris e distante 200 quilômetros da estrada de ferro de Queimadas, no norte da Bahia. Ele compara o movimento popular de fundo sociorreligioso liderado por Antônio Conselheiro contra as tropas do Exército da República brasileira – promulgada menos de uma década antes, em 1889 – com o levante de camponeses e adeptos da Igreja católica que se uniram em um movimento contrarrevolucionário acontecido na região costeira do vale do rio Loire, a oeste da França, entre 1793 e 1796, durante a Primeira República. Na visão euclidiana, os jagunços eram realistas como os *chouans*, que lutaram contra a Revolução Francesa que, em 1789, havia derrubado a monarquia. Essa associação do articulista fez com ele fosse convidado para o cargo de correspondente especial na guerra de Canudos pelo próprio diretor do diário, Júlio de Mesquita, um defensor do ideário republicano.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O livro-reportagem

O jornalismo é caracterizado como o relato do real, no presente, destinado ao público. A factualidade o distingue da literatura, enquanto a temporalidade o afasta da história, mas a informação jornalística somente tem relevância quando há audiência para consumi-la.

Na tradição impressa e periódica, adotou-se a técnica do lide (em inglês, *lead*) para atrair a atenção do leitor ao sintetizar a informação básica sobre o conteúdo da notícia jornalística.<sup>1</sup> Nilson Lage (2006, p. 21), jornalista e professor, explica que essa estratégia tem origem na oralidade e difere da literatura e do teatro que, com frequência, primam pelo texto sequencial. Para ilustrar que a escrita em ordem decrescente de interesse é bem mais comum do que se imagina, Lage compara o lide à conversa interpessoal sobre uma ocorrência social, a narrativa “mais antiga e mais corrente” do que qualquer outra. O que o jornalismo faz é introduzir uma linguagem própria com vistas a melhorar a comunicabilidade e facilitar a produção da mensagem, “o que é útil no caso de um produto industrial como a notícia”. O jornalismo em livro – denominado doravante como livro-reportagem – segue diretrizes distintas na busca por público.

Edvaldo Pereira Lima (1993, p. 111), também jornalista e professor, articula dois fatores como condição para o livro-reportagem cumprir seu papel jornalístico: “fluência” e “eficiência”. De um lado, o livro deve ter “ritmo, um pulsar característico”, enquanto, de outro, deve apresentar “dados novos, reordenação criativa de dados conhecidos”. É necessário que haja “fruição pelo texto” e que esse texto seja capaz de mobilizar a audiência a seguir adiante com a leitura. Assim, o leitor não será “vencido a meio caminho pelo inimigo fatal da dispersão não convertida em presença” e o livro não deixará de ser lido.

Adicionalmente, Lima (*ibidem*) pondera que o caráter de “obra aberta” instiga as pessoas, dando-lhes elementos para uma compreensão particular do mundo. O livro-reportagem deve resistir à tentação de apresentar “todas as conclusões”, explicando os acontecimentos linearmente (causa *versus* efeito), como tipicamente lançam mão os demais meios impressos de comunicação. O desafio é manter a “motivação psicológica” do leitor, a partir de um “mergulho numa realidade representada que, apesar dos pontos em comuns, lhe é, no geral, desconhecida”.

O livro-reportagem tem a função, como a imprensa, de informar e orientar, porém, “avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo”, afastando-se da efemeridade. Lima (*op. cit.*: 40) prefere “contemporaneidade” à expressão “atualidade” pela “elasticidade que o tempo presente ganha no livro de reportagem”: o aspecto central deixa de ser a ocorrência em si, isolada, para ser o contexto, suas origens e causas. O sentido de

---

<sup>1</sup> O lide frequentemente encontra-se no início da narrativa jornalística, mas nem sempre. Se não é a primeira informação que o leitor recebe, certamente é aquela que norteia sua leitura ao responder perguntas-chave sobre a ação (o quê?), o agente (quem?), o tempo (quando?), o lugar (onde?) e o motivo (por quê?) dos acontecimentos narrados. De acordo com Genro Filho (1987: 196), o lide é o “epicentro para a percepção do conjunto”.

contemporâneo, no entender da professora Dulcília Buitoni (*apud* LIMA, 1993, p. 57) está no “descobrir o passado que ainda existe no presente”.

O livro-reportagem acaba preenchendo o vazio deixado pelas publicações periódicas. Trata-se da questão da superficialidade e do extremo oportunismo que se apresenta no trabalho da imprensa cotidiana [*que* “luta contra o relógio”, “briga com a concorrência” e *pratica* “o exercício de uma informação pública imprecisa, incompleta”].

Um olhar em retrospectiva para o jornalismo exercido na imprensa e em livro invariavelmente aponta para o trabalho pioneiro de Euclides da Cunha durante a Guerra de Canudos (1886-87). Ele cobriu a revolta para o jornal *O Estado de S. Paulo* (vulgo, Estadão), escrevendo despachos no calor dos acontecimentos entre agosto e outubro de 1887. Após cinco anos, em 1902, publicou *Os Sertões*, no qual relata *a luta* entre os liderados de Antônio Conselheiro e o exército republicano, e também discorre sobre *a terra*, no Nordeste interiorano, e *o homem*, o sertanejo oriundo da miscigenação e exclusão secular.

## 2.1 Os Sertões: obra híbrida

Em trabalhos anteriores, discorremos sobre a correspondência de guerra de Euclides da Cunha, que resultou nos 31 textos diarísticos publicados pelo Estadão ao longo de 54 dias de cobertura. Seu relato testemunhal aproximou os leitores de São Paulo (o centro urbano mais avançado do país) da realidade distante do sertão baiano, ao mesmo tempo em que o processo de interculturalidade pelo qual ele próprio passou naquele cenário rural foi transformando a sua percepção acerca do conflito. Antes de sua presença no sertão, ele tratou Canudos como uma restauração monárquica, referindo-se aos sertanejos como “horda de fanatizados” e “propagandistas do império” (da Cunha, 2000, p. 44 e 51). Ao final de sua experiência ali, entendeu o conflito como um combate pela genuína sobrevivência dos sertanejos (CAVALCANTI-CUNHA; CORRÊA, 2013, p. 2015).

No despacho de 27 de setembro de 1897, Euclides da Cunha (2000, p. 197) já revelava uma das finalidades de sua empreitada ao ‘fim do mundo’<sup>2</sup>, além das rápidas “notas” elaboradas ao jornal: coletar material para destinar a “outras páginas”, desta vez em formato de livro, um “estudo psicológico da campanha”. O próprio autor não se refere a que tipo de

---

<sup>2</sup> A expressão ‘fim do mundo’ é aqui usada em alusão ao livro *A guerra do fim do mundo*, do escritor peruano Mário Vargas Llosa (1980), que – inserido na corrente literária denominada de ‘realismo mágico’ – recriou ficcionalmente, depois de longa pesquisa documental e viagens ao sertão da Bahia, o ambiente de Canudos: o combate, sua gente e sua fé.

produção levaria à frente, tampouco antevia qual narrativa seria empregada. Limitava-se a falar genericamente em ‘estudo’ a ser feito sob o viés ‘psicológico’, sem identificá-lo como um relato factual dos combates que presenciou e cobriu.

*Os Sertões* é visto como obra de transição entre jornalismo e literatura pelo historiador Nelson Werneck Sodré (1999, p. 269) que a trata como um “monumental painel” feito a partir do “rascunho” do que havia sido publicado em *O Estado de S. Paulo* (vulgo Estadão). Ora, ‘painel’ é um panorama, uma visão ampla sobre alguma coisa e, ao tratar o trabalho de Euclides da Cunha assim, o historiador abre um vasto leque de interpretações para a identificação da obra.

Lima aponta a cobertura jornalística como a origem para *Os Sertões* e distancia qualquer enquadramento como livro-reportagem, reconhecendo seu autor como “desbravador de fronteiras da narrativa”. Ele se apoia no trabalho do professor Carlos Marcos Avighi que, em sua tese de doutorado *Euclides da Cunha jornalista* – defendida na Universidade de São Paulo (USP), em 1987 – afirma que, embora *Os Sertões* tenha sido gerado durante o ofício de repórter do autor, o livro não é um trabalho jornalístico, já que escapa às características e aos fins inerentes ao jornalismo.

Euclides da Cunha acaba por simbolizar aquele profissional que fica no meio-termo curioso da ficção e da realidade para construir um relato de profundidade. Vale-se de um acontecimento ainda do século anterior, mas trabalha com tal afinco e com tal qualidade que não se pode deixar de reconhecer, em seu texto, o prenúncio do potencial futuro reservado à reportagem pura em forma de livro. Já existe a interpermeabilidade [*hibridismo*], mas o saldo final pende mais em favor da literatura do que do jornalismo”. (LIMA, p. 160).

...

Não importa muito, do ponto de vista da observação de um processo no tempo histórico, que *Os Sertões* não seja um livro-reportagem no sentido estrito do termo. Importa que tenha exibido algumas importantes possibilidades ao tratamento jornalístico. (LIMA, p. 163).

O jornalista Marcos Faerman (1997, p. 149) aponta o caráter híbrido de *Os Sertões*, reconhecendo na terceira parte, ‘A luta’, estar “diante de uma peça literária, que é também cinema e que é – e quanto! – o mais puro jornalismo”. A pesquisadora Cristiane Costa (2005, p. 217) vê Euclides da Cunha como marco principal no Brasil entre aqueles que transformam “textos jornalísticos em livro”. À época, não era usual fazer jornalismo em livro e o pioneirismo do autor fluminense não foi caracterizado como um ‘livro-reportagem’.

Em nova linha de raciocínio, Nilson Lage (2011, p. 135) é categórico sobre a representatividade de *Os Sertões*, a qual trata como a “principal obra jornalística da literatura em língua portuguesa”. O repórter Eduardo Belo (2006, p. 138) considera ser esse o “primeiro

livro-reportagem nacional”, com isso iniciando a problematização da mescla ‘imprensa e livro’ como um único meio de comunicação: “Vale pelo relato detalhado, em uma época em que o termo apuração rigorosa não constava no vocabulário da maior parte da imprensa brasileira”.

Se nos estudos de jornalismo a ausência de clareza sobre a classificação de *Os Sertões* parece grassar, em outros campos do conhecimento a avaliação também não é terreno pacífico, passando longe da unanimidade. A estudiosa euclidiana Walnice Galvão (2016, p. 613) registra que *Os Sertões* recebeu, de pronto, tratamento literário dos críticos mais importantes à época e, mais tarde, sociológico, com as reflexões de Gilberto Freyre. Entretanto, persistia “a falta de definição de um gênero, literário ou não, que permitisse classificar o livro como história ou como literatura”.

Na mais recente edição do livro<sup>3</sup> há uma fortuna crítica com trechos de artigos de renomados pensadores brasileiros oriundos de variadas matizes acadêmicas e históricas – dentre eles, o artigo do escritor e jornalista José Veríssimo, veiculada pelo *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro no dia 3 de dezembro 1902, apenas um dia após chegar às livrarias a primeira edição do livro com 1,200 mil exemplares publicados pela editora Laemmert.<sup>4</sup> Nesse texto, Veríssimo (2016, p. 634) avalia que *Os Sertões* é de autoria “de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe ver e escrever”.<sup>5</sup>

Todavia, a transição entre jornalismo e literatura em *Os Sertões* não é reconhecida de forma tranquila. Nos despachos ao Estadão a tônica era em favor da República,

---

<sup>3</sup> A nova edição de *Os Sertões*, editada pela Ubu Editora e Edições Sesc São Paulo, foi lançada em 2016, comemorando os 150 anos do nascimento de Euclides da Cunha. Organizada por Walnice Nogueira Galvão, uma das mais importantes estudiosas da obra de Euclides da Cunha, a obra estampa cópias da caderneta de campo do correspondente do *O Estado de S.Paulo*. Traz ainda fotos de autoria do fotógrafo expedicionário Flávio Barros, que estava em campo a serviço do Exército, tendo registrado um álbum com 70 retratos da Guerra dos Canudos – entre elas, a emblemática imagem de Antônio Conselheiro depois de exumado (1987). Sobre o trabalho de Barros, ver BURGÍ e WANDERLEY (2015).

<sup>4</sup> Sobre a primeira edição de *Os Sertões*, ver Ventura (2002) e Marins (2002).

<sup>5</sup> Ainda assim, Veríssimo (2016: 634-35) criticou os conhecimentos enciclopédicos ostentados por Euclides da Cunha em seu livro, marcado pelo excesso de cientificismo e o abuso de termos técnicos. O escritor paraense considerou que Euclides da Cunha viciou o seu estilo e sobrecarregou a sua linguagem de termos técnicos, de arcaísmos e sobretudo de neologismos, de expressões obsoletas e raras. “Em uma palavra, o maior defeito do seu estilo e da sua linguagem é a falta de simplicidade”. Entretanto, o também escritor e crítico literário Tristão Araripe Júnior (2016: 637) – outro contemporâneo do autor de *Os Sertões* – considerou o livro como “único, no seu gênero”, destacando sua “forma artística superior e original”, sua “elevação histórico-filosófica impressionante” e seu “talento épico-dramático”.

transformando-se gradualmente ao final da cobertura. No livro concretiza-se o posicionamento integral do autor desde as primeiras páginas.<sup>6</sup>

Poderia, contudo, a cobertura jornalística ser considerada um embrião para o livro? Sim, mas “em escala muito modesta e nem de longe dá ideia do que acabará sendo”, responde Galvão (*op. cit.*: 621-2), mais interessada em destacar o ‘painel’ de “noções de antropologia, de sociologia, de folclore, de religião e de psicologia social” que o compõem:

No fundo, *Os Sertões* é uma narrativa da Guerra de Canudos. [...]

Na primeira parte, “A terra”, é examinada a constituição geológica do continente americano, com foco restringindo cada vez mais até se concentrar sobre a região de Canudos. [...]

Na segunda parte, “O homem”, é analisada a formação antropológica do brasileiro, resultando da confluência de três raças, que são, pela ordem de chegada, a indígena, a branca e a negra [...]. Novamente apertando o foco são investigadas a população da região, com seus tipos e costumes, a religiosidade sertaneja e, finalmente, a trajetória pessoal do líder carismático do movimento, Antônio Conselheiro.

A terceira parte [“*A luta*”], cuja extensão corresponde ao dobro das duas anteriores somadas, narra a Guerra de Canudos, desdobrando-se em seis capítulos.

Oscilando entre literatura e história, *Os Sertões* ganha sobretudo ares de um relato de guerra. Para a literatura, sua originalidade está na constituição centrada em temas reais e típicos da cultura brasileira, como a seca, sertanejo, miséria e a religiosidade. Para a história, está no tecer da narrativa que tem o suporte do testemunho autoral e o reforço de fontes abundantemente citadas.

A publicação na contemporaneidade de Canudos, quando os efeitos e significados da guerra ainda se faziam notar, certamente contribuiu para o caráter original do livro, que tratava de um tema inédito, nunca antes tratado. Depois de publicado e recebido com aplausos, *Os Sertões* tornou-se ‘a obra’, quase única, sobre Canudos<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Na última reportagem para *O Estado de S. Paulo*, Euclides da Cunha revela o seu desapontamento provocado pela visão de dezenas de feridos que gemiam amontoados no chão, lembrando o ‘vale do Inferno’ de Dante Alighieri. (VENTURA, 2002). Tinha ficado para trás a comparação que fizera, antes de conhecer a realidade do sertão.

<sup>7</sup> Publicado em 1897, o livro de Manoel Benício Fontenelle intitulado *O Rei dos jagunços: chronica historica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos* não teve a mesma repercussão do que o de Euclides da Cunha. Primeiro, porque a narrativa de Benício não é suficientemente documentada e é, até, considerada ficcionada. Segundo, porque ele foi correspondente do *Jornal do Commercio*, onde denunciou, em primeira mão, os erros estratégicos e a desorganização da quarta expedição – a mesma em que esteve Euclides da Cunha. Por isso, os militares exigiram sua retirada da frente de batalha, forçando assim o jornal a parar de publicar reportagens. Os dois fatores contribuíram para que o trabalho de Benício caísse em quase esquecimento. Um século depois, o Senado Federal publicou o fac-símile de *O rei dos jagunços* na Coleção Memória Brasileira. (Fontenelle, 1997).



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 3.1 Os Sertões: Livro-Reportagem?

À época da publicação de *Os Sertões*, suas inovações se configuravam como verdadeiros desafios teórico-metodológicos tanto para a literatura quanto para a história. Entretanto, essas novidades fizeram a aproximação com o jornalismo na imprensa. Entre os séculos XIX para XX, vivia-se a fase de transição da imprensa ‘artesanal’ para a ‘industrial’, com a decadência do Império (e o ‘sistema feudal’ e rural de produção) e o florescer da República (e o ingresso no modo capitalista e industrial de desenvolvimento).

A imprensa estava consolidada, a de caráter artesanal subsistia no interior nas pequenas cidades, nas folhas semanais feitas em tipografias, pelos velhos processos e servindo às lutas locais, geralmente virulentas; nas capitais já não havia lugar para este tipo de imprensa, nelas o jornal ingressara, efetiva e definitivamente, na fase industrial, era agora empresa, grande ou pequena, mas com estrutura comercial inequívoca. Vendiam-se informações como se vendia outra qualquer mercadoria. E a sociedade urbana necessitava de informação para tudo, desde o trabalho até a diversão (SODRÉ, 1999, p. 275).

À época o exercício do jornalismo no Brasil mesclava informação e opinião. Não era ainda posto em prática o líder, cuja disseminação e consolidação se dariam em meados do século XX. O livro era tido como meio de comunicação alheio ao jornalismo, que estava ligado ao relato periódico do presente, enfaticamente demarcado pelo papel da imprensa escrita. Tanto assim que ficou famosa a enquete empreendida pelo repórter João do Rio, em 1904, junto a 36 intelectuais do começo do século XX, entre eles, Olavo Bilac, João Ribeiro, Sílvio Romero, Coelho Neto, Osório Duque Estrada e Clóvis Beviláqua. Nas respostas foi detectada a contribuição que o jornalismo – ou seja, o jornal – teve na formação literária desses escritores<sup>8</sup>.

O interesse do levantamento era responder à inquietação de João do Rio, em vista da frequente colaboração de literatos: “O jornalismo, especialmente no Brasil, é fator bom ou mau para a arte literária?” Cristiane Costa (2005, p. 26) pondera que o resultado da pesquisa apontou para um empate, tendo efeitos positivos (“pagamento, divulgação, experiência, exercício e legitimação”) e negativos (“mercantilismo, banalização, esterilidade, falta de

---

<sup>8</sup> A enquete de João do Rio teve seu resultado publicado na *Gazeta de Notícias* e, três anos mais tarde, as respostas foram reunidas em livro, no qual os entrevistados falam de sua formação como escritores e de suas preferências estéticas. Ver do autor *O momento literário* (1994).

tempo e favorecimento”). Nenhum dos entrevistados sequer cogitou falar de jornalismo em livro, mas de jornalismo em imprensa.

Antes de João do Rio, grandes escritores, como José de Alencar, Machado de Assis e Olavo Bilac, embrenharam-se nas redações. Mas o jornalismo que faziam estava muito mais próximo da crônica e dos editoriais de hoje. Baseado no modelo francês, privilegiava a análise e o comentário, e não a informação. Na história do jornalismo, o rodapé alencariano evoluiu para a crônica de Machado e Bilac, e só no início do século XX abriu espaço para a reportagem e a entrevista, até então raramente usada (ibid.: 41).

Se o livro-reportagem era pouco considerado na época de João do Rio, Edvaldo Pereira Lima (1993, p. 166) acrescenta que houve um verdadeiro “hiato na evolução da reportagem brasileira” sem “o surgimento de qualquer corrente vigorosa”, até o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-45)<sup>9</sup>. O pesquisador sugere, a título de hipótese, que isso aconteceu em razão da efervescência do romance realista que, graças a autores como Graciliano Ramos, Jorge Amado e Érico Veríssimo, funcionou como uma espécie de “freio inibidor” para aquela geração de jornalistas.

Do ponto de vista histórico, percebe-se a complexidade em classificar, *Os Sertões* no rol de produtos do jornalismo. Em primeiro lugar, um recorrente obstáculo tem sido o teor cientificista da obra, em especial no capítulo *A terra*. Na busca por contextualizar o sertão, Euclides da Cunha traça uma trajetória da formação geológica sob um auspicioso vocabulário técnico de difícil alcance ao leitor comum. A erudição atinge um patamar que obriga, muitas vezes, releituras ou auxílio de referências externas para o entendimento de determinadas formulações, como no trecho que segue:

É uma paragem impressionadora.

As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos. O regime torrencial dos climas excessivos, sobrevindo, de súbito, depois das insolações demoradas, e embatendo naqueles pendores, expôs há muito, arrebatando-lhes para longe todos os elementos degradados, as series mais antigas daqueles últimos rebentos das montanhas: todas as variedades cristalinas, e os quartzitos ásperos, e as *filades* e calcários, revezando-se ou entrelaçando-se, repontando duramente a cada passo, mal cobertos por uma flora tolhiça – dispondo-se em cenários em que ressalta, predominantemente, o aspecto atormentado das paisagens (CUNHA, 2016, p. 27).

No capítulo *O homem*, Euclides da Cunha (ibid.: 100) conjuga teorias científicas à trajetória social de constituição da gênese do povo sertanejo. ” Formara-se obscuramente”,

<sup>9</sup> Na visão de Lima (1993, p. 166), o ápice da reportagem no Brasil foi de 1966 a 1968, entre o lançamento da revista *Realidade*, da Editora Abril, e a promulgação do AI-5, que estabeleceu a censura no Brasil.

explica. À caça de minas, pela via fluvial, “os homens do Sul” foram “ao encontro dos homens do Norte”, erigindo o rio São Francisco como “um unificador étnico”. “Os forasteiros, ao atingirem o âmago do sertão, raro voltavam”, registra. Em constante evolução, figuram ‘sulistas’, ‘nortistas’, ‘tapuias’, ‘curibocas’, ‘mestiços’, ‘sertanejos’ até que o cruzamento desagua no aparecimento do ‘jagunço’.

A socióloga Maria Isaura de Queiroz (2016, p. 652) adverte que a conotação de ‘jagunço’ como ‘capanga’, aquele leal a alguém mediante pagamento, perdurou até “um acontecimento histórico”: o modo como Euclides da Cunha chamou os adeptos de Antônio Conselheiro. Ora, o autor eleva ao extremo o cientificismo ao dar interpretação particular, modificando o significado da expressão na língua portuguesa. Jagunço passaria a ter o traço de “habitante da caatinga”, de “vaqueiro”, de “guerrilheiro astuto, audacioso e valente” e de “crente fervoroso da santidade de seu chefe”.

Não obstante, o jornalista Franklin de Oliveira (2016, p. 615) avalia que o amplo conhecimento recolhido à obra acarretou equívocos, quando “se submeteu a dogmas cientificistas” e “concluía segundo eles”. O jornalista justifica a posição do autor de *Os Sertões*: “A ciência de seu tempo era racista. Euclides navegou nessas águas”, mas acertava sempre que “dobrava-se à verdade que honestamente observara, rendendo-se à evidência viril dos fatos”, em vez do “aparato científico”.

O sociólogo Douglas Teixeira Monteiro (2016, p. 656) evidencia os “excessos” do livro em função de uma visão etnocêntrica:

A descrição que Euclides faz do casario do arraial [*de Canudos*] corresponde bem às designações pejorativas e de espanto que adota: “*urbs* monstruosa de barro”, “cidade selvagem”, um misto de “acampamento de guerreiros” e de “vasto *krall* africano”, “*tapera* colossal”. [...]

Que espécie de estrutura urbana seria de se esperar de grupos sertanejos secularmente habituados à dispersão das moradias, conforme o padrão rural brasileiro? [...] Exigir, na formação do povoado que se constituiu no curto período de quatro anos (1893-97), um plano; ou pensar a ausência aparente de qualquer plano, como reflexo de alguma espécie de delírio coletivo, é, seguramente, excessivo.

Ao referir-se ao padrão de construção das casas, com a estranheza de um viajante estrangeiro e civilizado, carregado de uma forte dose de etnocentrismo, Euclides acaba por descrever o que, nada mais e nada menos, é a habitação comum do sertanejo pobre.

Tais apontamentos confirmam a tese de que, *Os Sertões* foi elaborado à luz da contemporaneidade. Se fosse historiografia, poderia repousar em seu ritmo temporal até que os fatos – e documentos – fossem todos conhecidos. Antes, sucedeu o contrário: quando a República nem bem completava treze anos, a obra chegava ao mercado.

Para o teórico Luiz Costa Lima (2016, p. 679), há críticas demasiadas ao livro: o feito de Euclides da Cunha, “sem meios de pesquisa, sem equipe de colaboradores, sem recursos financeiros específicos”, foi “um gesto de ousadia que beirava a loucura”. Apoiado em estudos acadêmicos, Lima desconhece *Os Sertões* como livro-reportagem, pois foge às ‘características’ e aos ‘fins’ do jornalismo. Porém, o método de investigação, baseado no testemunho e na observação, e a narrativa, composta pela citação às fontes e escorada na ‘realidade’, assemelhava-se ao ‘jornalismo moderno’ que florescia com o advento da imprensa industrial. Recairia sobre João do Rio a figura que compatibilizaria este novo momento, de acordo com a pesquisadora Cremilda Medina (1988), atenta à trajetória da reportagem no Brasil.

João do Rio desenvolveu uma característica primária do jornalismo moderno – buscar informações na rua [...]. Observação direta e palpitante. Repórter que vai à rua e constrói sobre o momento a história dos fatos presentes. Da união destes dois conceitos nasce a definição moderna de jornalismo. E João do Rio, se não é original na história da imprensa, pelo menos no Brasil inicia esse processo. (*ibid.*: 58).

...

A coleta de informações por meio de fontes, ou melhor, entrevistas a fontes, é a grande conquista técnica que João do Rio lança no jornal brasileiro. (*ibid.*: 60/1).

Embora Euclides da Cunha ainda não captasse informações por meio de entrevista, os outros métodos inovadores apontados (‘observação direta’ e ‘construção dos fatos presentes’) fizeram parte do arcabouço de seu trabalho na cobertura da Guerra de Canudos para o Estadão e para *Os Sertões*, principalmente no capítulo *A luta*. O autor assistira *in loco* o cerco final ao arraial, após o início dos comboios frequentes que apoiaram a Quarta Expedição do Exército. O povoado estava cercado, sem mantimentos, bombardeado, ardendo em chamas e, ainda assim, resistia.

E no amanhecer de 1º de outubro começou o canhoneio. [...]

Durou quarenta e oito minutos apenas, mas foi esmagador. As pontarias estavam feitas de véspera, não havia errar o alvo imóvel. [...]

Via-se a transmutação do trecho torturado: tetos em desabamento, prensando, certo, os que se lhes acolhiam por baixo, nos cômodos estreitos; tabiques esboroando, voando em estilhas e terrões; e aqui, e ali, em começo dispersos e logo depois ligando-se rapidamente, sarjando de flamas a poeira dos escombros, novos incêndios, de súbito deflagrando. [...]

Não havia perder-se uma granada única [...]

Houve um breve silêncio. Vibrou um clarim no alto da Fazenda Velha. Principiou o assalto. [...]

Durante cerca de uma hora os combatentes que contemplavam a refrega, no alto das colinas circunjacentes, nada mais distinguiam. [...]

Mas contra o que era de se esperar, os sertanejos permaneceram invisíveis e nem um só apareceu, correndo para a praça. Batidos entretanto por três lados, deviam, recuando por ali e precipitando-se na fuga, ir de encontro às baionetas das forças estacionadas nas linhas centrais e nas beiradas do rio. Era este, como vimos, o

objetivo primordial do assalto. Falhou completamente. E o malogro valeu por um revés. Porque os assaltantes, deparando resistências com que não contavam, paravam; entrincheiravam-se; e assumiam atitude de todo contraproposta à missão que levavam. Quedaram na defensiva franca. Caíam-lhes em cima, desbordando dos casebres fumegantes e assaltando-os, os jagunços. (CUNHA, 2016, p. 530).

Euclides da Cunha (*ibid*, p. 540) preenche seis páginas de *Os Sertões* com a íntegra das notas do próprio diário de campo, “esboçadas durante o dia no acampamento e completadas à noite, no alto [*do morro*] da Favela”. Nelas, revela-se um dos últimos episódios da Guerra de Canudos: quando a bandeira branca foi erguida, uma dupla de sertanejos apareceu para negociar, retornaram ao arraial e um reapareceu acompanhado de dezenas de crianças, mulheres e idosos. A evidência mais crua do testemunho e da observação direta do autor está naquelas notas:

...Chegam à 1 hora em grande número de prisioneiros – sintoma claro de enfraquecimentos entre os rebeldes. Eram esperados. Agitara-se pouco depois do meio-dia uma bandeira branca no centro dos últimos casebres e os ataques cessaram imediatamente do nosso lado. [...]

A bandeira, um trapo nervosamente agitado, desapareceu; e, logo depois, dois sertanejos, saindo de um atravancamento impenetrável, se apresentaram ao comandante de um dos batalhões. Foram para logo conduzidos à presença do comando em chefe, na comissão de engenharia [...]

O efeito da comissão porém, foi de todo inesperado. O Beatinho [*um dos sertanejos*] voltou, passada uma hora, seguido de umas trezentas mulheres, crianças e meia dúzia de velhos imprestáveis [...]

A entrada dos prisioneiros foi comovedora. Vinha solene, na frente, o Beatinho, teso o torso desfibrado, olhos presos no chão, e com passo cadente e tardo exercitado desde muito nas lentas procissões que compartira. O longo cajado oscilava-lhe a mão direita, isocronamente, feito enorme batuta [...]

Os combatentes contemplavam-nos entristecidos. Surpreendiam-se; comoviam-se. [...] Custava-lhes admitir que toda aquela gente inútil e frágil saísse tão numerosa ainda dos casebres bombardeados durante três meses. Contemplando-lhes os rostos baços, os arcabouços esmirrados e sujos, cujos molambos em tiras não encobriam lanhos, escaras e escalavros – a vitória tão longamente apetecida decaía de súbito. Repugnava aquele triunfo. [...]

Alguns enfermos graves vinham carregados. Caídos logo aos primeiros passos, passavam, suspensos pelas pernas e braços, entre quatro praças. Não gemiam, não estortegavam. Lá se iam imóveis e mudos, olhos muito abertos e muito fixos, feito mortos. [...]

[*Uma velha*] tinha nos braços finos uma menina, neta, bisneta, tataraneta talvez. E essa criança horrorizava. A sua face esquerda fora arrancada, havia tempos, por um estilhaço de granada; de sorte que os ossos dos maxilares se destacavam alvíssimos, entre os bordos vermelhos da ferida já cicatrizada... A face direita sorria. E era apavorante aquele riso incompleto e dolorosíssimo aformoseando uma face e extinguindo-se repentinamente na outra, o vácuo de um gilvaz. [...]

Via-se, então, pela primeira vez, em globo, a população de Canudos; e à parte as variantes impressas pelo sofrer diversamente suportado, sobressaía um traço de uniformidade rara nas linhas fisionômicas mais características. Raro um branco ou um negro puro. Um ar de família em todos delatando, iniludível, a fusão perfeita de três raças.

Mesmo no dramático instante derradeiro, Euclides da Cunha retoma a discussão da origem daquele povo, de modo a identificar que as alegações científicas anteriores restaram comprovadas pelo seu testemunho direto. O crítico Antônio Candido (2016, p. 645) garante que “faltou-lhe visão sociológica” ao “simplificar” o sertanejo como uma multidão, única e monolítica, sem grupo ou diversidade. E completa: derivado das simplificações e interpretações, todavia, conseguiu captar “a realidade mais profunda do homem brasileiro do sertão”.

Só o compreendemos, pois, se o colocarmos além da sociologia – porque de algum modo subverte as relações sociais normalmente discriminadas pela ciência, dando-lhes um vulto e uma qualidade que, sem afogar o realismo da observação, pertencem antes à categoria da visão.

Euclides da Cunha em *Os Sertões* fez “realismo da observação”, imerso na “categoria da visão”, prenúncio das modernas práticas que viriam em seguida. As características do relato se parecessem também ao jornalismo quando o olhar mira as fontes consultadas e a maneira como estão dispostas. Não contém somente reflexões filosófico-científicas, extraídas de livros teóricos, mas documentos do Exército: as ordens do dia expedidas nas trincheiras, da Primeira à Quarta Expedição, para reconstituir historicamente o *front* de Canudos, mesmo quando não o testemunhou.

Segundo Lima (1993, p. 217), o livro-reportagem alia “criteriosa documentação” à “linguagem acessível” com o fito da “difusão para grandes massas medianamente cultas”. É no capítulo *A luta*, onde se concentra a crônica da guerra, que o cientificismo perde espaço e a cruenta realidade prevalece, processada em vocabulário simples e cronologia temporal. O dia a dia da campanha está completo: antecedentes, contextos, batalhas, breves perfis, repercussões externas e inter-relações a outros conflitos armados. No fragmento, o clima nacional após o fracasso da Segunda Expedição:

O novo insucesso das armas legais, imprevisto para toda a gente, coincidia com uma fase crítica da nossa história. [...]

O governo civil, iniciado em 1894, não tivera a base essencial de uma opinião pública organizada. Encontrara o país dividido em vitoriosos e vencidos. [...]

O governo anterior, do marechal Floriano Peixoto, tivera, pelas circunstâncias especialíssimas que o rodearam, função combatente demolidora. Mas no abater a indisciplina emergente de sucessivas sedições, agravara a instabilidade social e fora de algum modo contraproducente, violando flagrantemente um programa preestabelecido. Assim é que nascendo do revide triunfante contra um golpe de Estado violador das garantias constitucionais, criara o processo da suspensão de garantias; abraçado tenazmente à Constituição, afogava-se; fazendo da legalidade a maior síntese de seus desígnios, aquela palavra, distendida à consagração de todo os crimes, transmutara-se na fórmula antinômica de uma terra sem leis. [...]

E como o exército se erigia, illogicamente, desde o movimento abolicionista até à proclamação a República, em elemento ponderador das agitações nacionais, cortejavam-no, captavam-no, atraíam-no afanosamente e imprudentemente. Ora de todo o exército, um coronel de infantaria, Antonio Moreira César, era quem parecia haver herdado a tenacidade rara do grande debelador de revoltas. O feiticismo político exigia manipulá-lo de farda. Escolheram-no para novo ídolo. (CUNHA, 2016, p. 271).

Euclides da Cunha detalha o desenvolvimento de todos os combates, a partir de documentos oficiais, exercendo a ‘reconstituição histórica’ defendida por Lima. Nota o jornalista Olímpio de Souza Andrade (2016, p. 647) a habilidade de “imaginação para recriar o que aos poucos se extinguiu”, com “linguagem nova”, capaz de “transfigurar a realidade contingente em termos de obra de arte”. O autor acaba por largar “a ciência para caminhar sozinho com suas próprias impressões”. Tal imaginação está associada à interpretação, em vez da criação ficcional como comumente se apregoa.

O relato de *Os Sertões*, em que pesem os ‘erros e ‘exageros (até naturais no âmbito do jornalismo, em vista ao tempo de produção mais curto se comparado à historiografia, por exemplo), foi confeccionado no rigor factual. A apuração para captar o ‘real’ vem do próprio testemunho, da interpretação, de estudos (históricos e teóricos), de narrativas testemunhais de combatentes, de documentos militares. Se fosse literatura, os recursos investigativos figurariam como inspiração para a produção literária e não como condição para sua feitura, na perspectiva de revelar o que aconteceu em Canudos.

O combate de Cocorobó transcorreu no dia 25 de junho de 1897, quando o general Cláudio do Amaral Savaget tentava aproximação ao arraial, via Sergipe, enquanto o general Artur Oscar, comandante da Quarta Expedição, buscava agredir Canudos pelo flanco baiano, por Monte Santo. Após inúmeras perdas, a resistência sertaneja, organizada em trincheiras ‘invisíveis’ que vitimavam dezenas de militares, era um desafio a Savaget. Euclides da Cunha (2016, p. 375) descreve o estado de ânimo das tropas e as decisões do general, em meio ao tiroteio, amparado na ordem do dia:

Era quase um revés.  
No fim de três horas os atacantes não tinham adquirido um palmo de terreno. [...] E daquele desolamento, daquela solidão absoluta e impressionadora, irrompia, abalando as encostas, uma “fuzilaria cerrada e ininterrupta como se ali estivesse uma divisão inteira de infantaria!”.  
Os jagunços eram duzentos ou eram dois mil. Nunca se lhes soube, ao certo, o número. Na frente dos expedicionários o enigmático da campanha se antolha mais uma vez, destinando-se a ficar para sempre indecifrável. Tolhendo sê-lhes deste modo ao passo só restavam decisões extremas: ou recuarem lentamente, lutando, até se subtraírem ao alcance das balas; ou contornarem o trecho inabordável, buscando um atalho mais acessível, em movimento envolvente aventureiro, de flanco, o que redundaria em desbarate inevitável; ou arremetem em cheio com os outeiros,

conquistando-o. O último alvitre era o mais heroico e o mais simples. Sugeriu-o o coronel Carlos Teles. O general Savaget, adotou-o. Conforme confessa em documento oficial onde define, com lastimável desquerer, o adversário temível que o fizera parar, não podia admitir “que duas ou três centenas de bandidos sustivessem a marcha da 2ª Coluna por tanto tempo”. [...]

Os assaltantes avançaram todos a um tempo: os pelotões da frente embatendo com os morros e enfiando pela bocaina da passagem, esquerda, enquanto a 4ª brigada, a marche-marche, de armas suspensas e sem atirar, vencida velozmente a distância que a separava do inimigo [...]

A ação tornou-se formidável. Cinco batalhões debatiam-se entre morros, sem vantagem sensível, depois de quatro horas de luta. [...]

Não era o recuo temeroso habitual; era a fuga. Os adversários foram ali, vistos de relance, pela primeira vez: dispersos pelos altos, correndo e sobraçando as armas, rolando e resvalando pelos declives, desaparecendo.

O conjunto de narrativas factuais – testemunhais ou documentais – não afastou Euclides da Cunha da análise dos acontecimentos, da crítica às atrocidades que presenciava e do lidar literário para retratar poeticamente tudo isso. Ou seja, os ‘fins’ de *Os Sertões* eram essencialmente os mesmos que os do jornalismo: (i) apresentar a realidade para informar e (ii) orientar a sociedade. O livro transmite a mensagem de denúncia, de tornar público os ‘crimes da nacionalidade’ até então reservados ao comando militar e político: o massacre torturante dos canudenses e a liquidação total do vilarejo.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Forremo-nos à tarefa de escrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos. (...)

Ademais não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...

E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade de palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antônio Beatinho que se nos entregara, confiante – e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa história?

Caiu o arraial a 5. No dia 6 acabaram de o destruir desmanchando-lhe as casas, 5200, cuidadosamente contadas. [...]

É que ainda não existe um [*psiquiatra Henry*] Maudsley para a loucura e os crimes da nacionalidade. (CUNHA, 2016, p. 449).

Em uma época em que o conceito de livro-reportagem inexistia classificar, *Os Sertões* como tal é um risco, uma temeridade que pode transitar para o anacronismo. Os elementos basilares para a confecção da obra, sob o olhar jornalístico, anunciavam os novos métodos que seriam adotados a partir do século XX. Por sua vez, a perspectiva de outros campos do



conhecimento indica um livro de enquadramento complexo, preocupado com a evidência viril dos fatos para, com a ‘observação e transfiguração da realidade’, poder narrar a Guerra de Canudos.

A ‘verdade’ da obra transborda das páginas pela honestidade. Euclides da Cunha, antes mesmo da cobertura para o Estadão, já tinha posição contrária à insurgência e em favor da República. Militar de formação, usualmente se referiu ao conflito entre ‘nós’ e ‘eles’ e, fiel ao modo adotado de apuração, não armou barreira em objeção ao novo: as surpresas que a ‘realidade’ lhe reservaria eram vivenciadas, estudadas e refletidas. Seu ponto de vista foi radicalmente alterado no livro, ainda na contemporaneidade, quando nenhuma voz tinha ainda se levantado a favor dos jagunços de Canudos.

### 3.2 Euclides da Cunha e a correspondência de guerra

A matéria prima de Euclides da Cunha foi a informação – que, quando exclusiva, era um ‘furo de reportagem’. Até *Os Sertões* ser publicado em 1902, os brasileiros desconheciam como terminou a guerra, o que foi feito do vilarejo e o paradeiro dos prisioneiros. A cobertura para o Estadão tinha sido inconclusa sob tais aspectos, gerando inclusive dúvidas acerca de possível censura aos despachos enviados para São Paulo. O livro foi o único instrumento público para a denúncia de tais ‘crimes das nacionalidades’. Nem o jurista Rui Barbosa ousou se opor, como revela Franklin Oliveira (2016, p. 659):

Antes de *Os Sertões*, apenas uma única voz de protesto havia surgido contra o selvagem massacre: o Manifesto dos Acadêmicos da Faculdade de Direito da Bahia. Rui escreveu violentíssimo discurso em defesa dos sertanejos massacrados, discurso que deveria pronunciar no Senado. Meteu a viola no saco, apesar de belamente encordada. E só depois, por vaidade literária, escreveria uma página sobre o *estouro da boiada*, para mostrar que esse assunto não era exclusivo de Euclides.

No campo do jornalismo, é possível compreender *Os Sertões* como uma ‘construção dos fatos presentes’, ainda que – como qualquer livro-reportagem – não apresente a periodicidade nos mesmos moldes da imprensa convencional. Na nota à primeira edição do livro, Euclides da Cunha (2016, p.10) alega que a obra perdia, devido ao tempo entre o acontecimento e a publicação, “toda a atualidade”, pois “a princípio se resumia à história da campanha de Canudos”, sendo que chegaria às livrarias com “outra feição, tornando apenas variante de assunto geral o tema, a princípio dominante”. Tornou-se um ‘painel’ mais amplo e abrangente.

Na perspectiva da ‘contemporaneidade’, Canudos seguia latente, em voga, uma vez que a secular exclusão dos sertanejos não fora modificada em absolutamente nada após tanto derramamento de sangue. A República Velha seguia governando sob o mesmo *status quo* social. Em 1902, o presidente Rodrigues Alves era o terceiro civil e paulista a ocupar o Palácio do Catete (sucendo Campos Salves e Prudente de Moraes<sup>10</sup>). O caráter periódico peculiar do livro-reportagem impulsionou a denúncia dos ‘crimes’ e, uma vez mais, reforçou *Os Sertões* como produto jornalístico.

Lima (1993, p. 41) aponta três possibilidades para encarar a periodicidade no livro-reportagem: (1) o lançamento da obra em si rejuvenesce o tema antigo; (2) as sucessivas edições prolongam o acontecimento pelo fator da repetição; e (3) o hábito mental do público em relação à ocorrência – já vista anteriormente na imprensa (hoje também em plataformas eletrônicas) – leva para a obra o efeito de continuidade e permanência, mantendo-a ‘viva’. Isso significa que o fato perde “percebibilidade” e estende sua “durabilidade”, estabelecendo junto ao leitor um “estado de comunidade”, “tanto no tempo quanto no espaço”, pela leitura periódica. Lima escreve:

A ponte que permite essa conexão entre os fatos desenrolados no passado do tempo, para o leitor, é a periodicidade, testemunho da história em fermentação, registro que tenta fazer com que o homem moderno não se esqueça do movimento incessante da existência. E da periodicidade aproveita-se o livro-reportagem para impedir que a memória do leitor entre no limbo do esquecimento. O vazio do tempo, entre o presente e o passado histórico – que supõe um distanciamento mais prolongado do atual –, é coberto pelo livro-reportagem.

*Os Sertões*, além de prolongar o ciclo de existência da revolta sertaneja, deu-lhe nova significação ao salientar um conteúdo novo, rico em informações inéditas e em interpretações singulares. O impacto da obra alteraria, em função do relato testemunhal, subjetivo e periódico, o entendimento geral de então sobre a Guerra de Canudos. No campo do jornalismo, tais fatores aproximam Euclides da Cunha do pioneirismo em ofício específico e pouco usual à época, a correspondência de guerra.

Já destacamos anteriormente a prática do correspondente de guerra como sendo a de um profissional que, testemunhando o *front* e com a intenção de tornar público seus relatos, transmite conteúdo jornalístico periodicamente para veículos de comunicação, seja ele contratado direto ou *free lancer* (CAVALCANTI-CUNHA, 2011; CORRÊA, 2012).

---

<sup>10</sup> Os três presidentes pertenciam ao Partido Republicano Paulista (PRP): Prudente José de Moraes e Barros ocupou a Presidência entre 1984 e 1988 (período da Guerra de Canudos); Manuel Ferraz de Campos Sales entre 1989 e 1902 (quando *Os Sertões* estava sendo produzido); e Francisco de Paula Rodrigues Alves entre 1902 e 1906 (época da publicação da obra).

O conceito pode ser alargado, incorporando aquele jornalista que vai para a zona de conflito por conta própria e publica despachos na internet e/ou edita livros-reportagens, sem a necessidade de ser ligado a empresas de comunicação.

Ao longo do tempo, figuras importantes marcaram o desenvolvimento do ofício no Brasil: Alfredo d'Escragno Taunay na Guerra do Paraguai; Euclides da Cunha, na Guerra de Canudos; Joel Silveira e Rubem Braga, na Segunda Guerra Mundial; e José Hamilton Ribeiro, na Guerra do Vietnã.<sup>11</sup>

Na visão do historiador Phillip Knightley (1978, p. 8) o ofício do correspondente é um “esforço organizado para contar uma guerra à população civil da pátria empregando os serviços de um **repórter civil**” (grifo nosso). Entretanto, em meados do século XIX, Taunay foi para o combate como militar, sem prerrogativa de escriba, embora tenha publicado na imprensa (jornal *Semana Ilustrada*) e nos livros, *A retirada da Laguna*<sup>12</sup> e *Diário do Exército*.

Joel Silveira e Rubem Braga estiveram no *front* italiano na qualidade de repórteres durante o inverno de 1944-45, enviados pelos *Diários Associados* e *Diário Carioca*, respectivamente. No livro *Crônicas da guerra na Itália* (1996), Braga publicou o diário que então escreveu, acrescentando-o de outros textos – entre eles, uma reportagem feita para a revista *Realidade*, com o repórter fotográfico Luigi Mamprin, em um retorno ao país 25 anos após a queda do fascismo; também uma entrevista concedida ao *Jornal da Tarde* na comemoração do 30º. aniversário do final do conflito. Silveira comemorou os 60 anos da data com o livro *O inverno da guerra* (2005), onde foram reunidos seus relatos episódicos sobre o cotidiano no cenário de batalha e seus bastidores, com momentos de coragem, mas também de tensão e medo.

Hamilton Ribeiro foi para a Guerra do Vietnã – ou Guerra Americana, como a identificam os vietnamitas – pela *Realidade*. Ferido, ele publicou duas reportagens na revista: ‘Eu estive na guerra’ (maio/1968) e ‘Guerra é assim’ (junho/1968). No ano seguinte, publicou o livro-reportagem *O gosto da guerra* (1969).

Por diferentes fatores, o trabalho de Euclides da Cunha em Canudos é diverso do realizado pelos demais correspondentes citados. Apesar de adido militar do comando do Exército brasileiro<sup>13</sup>, o autor foi para Bahia como jornalista do Estadão, o que o diferencia do

---

<sup>11</sup> Já no século XXI, três correspondentes brasileiros de guerra também fizeram história com seus relatos sobre a Segunda Guerra do Golfo (2003-11) e a Guerra da Síria (2011–): respectivamente, Sérgio Dávila e Juca Varella, para a *Folha de S. Paulo* e, posteriormente, publicando o livro *Diário de Bágda*; e Klester Cavalcanti, que escreveu pontualmente para um livro-reportagem, *Dias de inferno na Síria*.

<sup>12</sup> Sobre o foco narrativo de Taunay em *A retirada de Laguna*, ver Cavalcanti-Cunha e Corrêa (2011).

<sup>13</sup> Na ‘Introdução’ de *Diário de uma expedição*, Walnice Galvão revela que Euclides da Cunha viajava fardado, o que deduz por “alusões indiretas”: a primeira refere-se ao fato de que “embora esperasse uma viagem de trem

Visconde de Taunay. Lançou seu livro *Os Sertões* a partir dos despachos periódicos para o jornal – e não a sua íntegra, como fizeram Silveira e Braga. O conteúdo de *Os Sertões* não se refere somente à experiência pessoal de Euclides no *front*, tampouco pode ser visto como narrativa de um sobrevivente de guerra, como a elaborada em diário por Ribeiro.<sup>14</sup>

Uma característica seria determinante e elevaria Euclides da Cunha ao patamar de ‘maior correspondente brasileiro de guerra’: seu livro é definitivo sobre o conflito, um relato total sobre o que aconteceu. A quem deseja saber sobre Canudos, basta ler *Os Sertões*. O usual entre os correspondentes de guerra – inclusive os já citados – é escrever livros que retratem a história de cada um no *front*, um relato pessoal e parcial sobre como foi a cobertura. Tais obras, contudo, não se tornam referência para o entendimento do cenário mais amplo da guerra.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento de *Os Sertões* em diferentes áreas do saber, como a sociologia, a história e a literatura, não invalida a sua caracterização como livro-reportagem.

A denominação ‘livro-reportagem’ era inexistente no início do século XX, quando a obra de Euclides da Cunha foi primeiramente publicada. Enraizado na ‘reportagem de profundidade’ (*in-depth report*) ou na ‘grande reportagem’ – gênero textual difundido pelas revistas *The New Yorker* e *Esquire*, nos Estados Unidos, e pela revista *Realidade*, no Brasil,<sup>15</sup> – o livro-reportagem permite a liberdade de pauta, porém requer o aprofundamento do tema escolhido, exigindo tempo para o embasamento substancial da matéria, inclusive com a pesquisa documental. A observação dos acontecimentos *in loco* como método de captação da informação e, posteriormente, a narrativa testemunhal na redação são procedimentos usuais no livro-reportagem. Todas essas características estão presentes em *Os Sertões*.

O livro, cuja genealogia está nas anotações de Euclides da Cunha no palco da guerra, traz uma elaborada descrição do contexto sociogeográfico, explica os antecedentes do conflito

---

pouco higiênica, chegara a Queimadas sem um grão de poeira no dólma (Alagoinhas, 31 de agosto)”; a segunda diz respeito a um soldado ferido “que fez menção de bater-lhe continência – o que certamente não ocorreria se ele [Euclides] estivesse à paisana”. (Galvão, 2000, p. 16)

<sup>14</sup> Sobre a narrativa em diário escrita por Hamilton Ribeiro no Vietnã, ver Cavalcanti-Cunha (2013).

<sup>15</sup> A revista *The New Yorker*, fundada em 1925, teve em sua redação grandes nomes do jornalismo estadunidense, entre eles: Lillian Ross, John Hersey e Truman Capote, respectivamente autores de *Cinema* (1952), *Hiroshima* (1946) e *A sangue frio* (1965). A revista *Esquire*, fundada em 1933, teve entre seus colaboradores mitos do *New Journalism*, como Gay Talese, Norman Mailer e Tom Wolf, respectivamente autores de *O reino e o poder* (1971), *Os nus e os mortos* (1948) e *Os eleitos* (1979). A revista *Realidade*, que circulou entre 1966-1976, teve em seus quadros José Hamilton Ribeiro, autor de *Os tropeiros* (2006) e de *O gosto da guerra* (2005).

e descreve a guerra *per se*, a partir da vivência de Euclides da Cunha no campo. É, sem dúvida, um livro-reportagem. Mais do que isso: *Os Sertões* é a reportagem focada na História, é a História que se transforma em reportagem. Um raro marco que, generosamente, faz uma híbrida exaltação da reportagem na forma de livro. *Os Sertões*, enfim, é um monumento pétreo ao jornalismo de todos os tempos.

## REFERÊNCIAS

ARARIPE JÚNIOR, T. Texto da seção 'Fortuna Crítica'. In: da CUNHA, Euclides, **Os Sertões**. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016 (1903), p. 636-637.

BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAGA, R. **Crônicas da guerra na Itália**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

BURGI, S; WANDERLEY, A. Guerra dos Canudos pelo fotógrafo Flavio de Barros. **Portal Brasileira Fotográfica**, 5 out. 2015. Disponível em <[brasilianafotografica.bn.br/p=3002](http://brasilianafotografica.bn.br/p=3002)>. Acesso em 10 set. 2017.

CANDIDO, A. Texto da seção 'Fortuna Crítica'. In: da CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016 (1903), p. 644-646.

CAVALCANTI-CUNHA, M. J. História com tinta, voz e sangue. Narrativas na correspondência de guerra do século XX. In: Pereira, F. H; Adghini, Z. L.; Moura, D. O. **Jornalismo e Sociedade**. Teorias e metodologias. Florianópolis: Insular, 2012 (2011).

\_\_\_\_\_. Diário com sangue: ação e reflexão em narrativas jornalísticas de guerra. In: LABORDE, Elga P.; ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa, **Dimensão temporal e espacial na linguagem e na cultura latino-americana**. Campinas: Pontes, 2013, p. 399-413.

CAVALCANTI-CUNHA, M. J; CORRÊA, V. A. Interculturalidade na narrativa de Guerra Os Sertões. **Revista Intercâmbio dos Congressos de Humanidades**. Brasília: Universidade de Brasília, 2015. Disponível em <[http://unb.revistaintercambio.net.br/sys/conteudo/visualiza\\_lo18.php?pag=;revistaintercambioA;paginas;visualiza\\_lo18&cod=11714](http://unb.revistaintercambio.net.br/sys/conteudo/visualiza_lo18.php?pag=;revistaintercambioA;paginas;visualiza_lo18&cod=11714)>. Acesso em 10 set. 2017.

\_\_\_\_\_. A guerra *in loco*: o caráter testemunhal da narrativa jornalística na Guerra dos Canudos. **Revista Intercâmbio dos Congressos de Humanidades**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013. Disponível em [http://unb.revistaintercambio.net.br/sys/conteudo/visualiza\\_lo18.php?pag=;revistaintercambioA;paginas;visualiza\\_lo18&cod=11704](http://unb.revistaintercambio.net.br/sys/conteudo/visualiza_lo18.php?pag=;revistaintercambioA;paginas;visualiza_lo18&cod=11704) Acesso em 10 set. 2017.

\_\_\_\_\_. O lugar de fala de Taunay. Um estudo sobre enquadramento da narrativa na Guerra do Paraguai. **Revista Intercâmbio dos Congressos de Humanidades**. Brasília: UnB, 2011. Disponível em <<http://unb.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/1250/2052.pdf>>. Acesso em 12 set. 2017.

CORRÊA, V. A. **Os diários de Taunay e Euclides da Cunha**. Um estudo sobre o início da correspondência de guerra no Brasil. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, orient. M. J. Cavalcanti-Cunha, 2012.

COSTA, C. **Pena de aluguel**. Escritores jornalistas no Brasil – 1994-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COSTA LIMA, L. Texto da seção ‘Fortuna Crítica’. In: da CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016, p. 671 - 674,

CUNHA, E. **Os Sertões**. Edição crítica e organização Walnice Galvão. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016.

\_\_\_\_\_. **Diário de uma expedição**. Organização de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DÁVILA, S; VARELLA, J. **Diário de Bagdá**: a guerra do Iraque segundo os bombardeados. Texto (D’ávila) e imagens (Varella). São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003.

FAERMAN, M. **A longa aventura da reportagem**. In: DANTAS, Audálio Repórteres. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1997.

FONTENELLE, M. B. **O rei dos jagunços**. Crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. Introdução Celso Silva Fonseca. Ed. Brasília: Senado Federal, 1997. (Coleção Memória Brasileira, no. 8). Disponível em <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/161742>

GALVÃO, W. N. Apresentação e texto da seção ‘Fortuna Crítica’. In: da CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016, p. 609-633.

\_\_\_\_\_. ‘Introdução’. In: da CUNHA, **Diário de uma expedição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 11-28.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**. Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

KNIGHTLEY, P. **A primeira vítima**: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos da Crimeia ao Vietnã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2011.

\_\_\_\_\_. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2006.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

MARINS, F. **A primeira edição de Os Sertões**. O que ainda não se sabe. O escritor. Jornal da União Brasileira dos Escritores, São Paulo, no. 101, dez. 2002, p. 8.

MEDINA, C. **Notícia, um produto à venda.** Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

MONTEIRO, D. T. Texto crítico da seção 'Fortuna Crítica'. In: da CUNHA, Euclides, **Os Sertões**. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016, p. 655-658.

OLIVEIRA, F. Texto da seção 'Fortuna Crítica'. In: da CUNHA, Euclides, **Os Sertões**. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016, p. 659-662.

QUEIROZ, M. I. Texto crítico da seção 'Fortuna Crítica'. In: da CUNHA, Euclides, **Os Sertões**. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016, p. 651-654.

RIO, J. **O momento literário.** Rio de Janeiro: Edições do Departamento Nacional do Livro/Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

RIBEIRO, J. H. **Vietnã: o gosto da guerra.** São Paulo: Brasiliense, 1969.

\_\_\_\_\_. **O gosto da guerra.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

\_\_\_\_\_. Eu estive na guerra. **Realidade**, São Paulo: Editora Abril, ano III, n. 26, p. 26-42, mai. 1968.

\_\_\_\_\_. Guerra é assim. **Realidade**, São Paulo: Editora Abril, ano III, n. 27, p. 76-88, jun. 1968.

SILVEIRA, J. **O inverno da guerra.** Rio de Janeiro: Objetivo, 2005.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VENTURA, Roberto. À frente da História. **Cadernos de Literatura Brasileira.** Edição comemorativa do centenário de Os Sertões, Instituto Moreira Salles (Consultoria de Walnice Nogueira Galvão e Roberto Ventura), 2002, nos. 13 e 14, p. 14- 48.

\_\_\_\_\_. Texto da seção 'Fortuna Crítica'. In: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016, p. 675-676.

VERÍSSIMO, J. Texto da seção 'Fortuna Crítica'. In: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016 (1902), p. 634-635.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

CUNHA, M. J. C; CÔRREA, V. A. Os Sertões: de Correspondência de Guerra a Livro-Reportagem. **Rev. FSA**, Teresina, v. 16, n. 1, art. 4, p. 75-98, jan./fev. 2019.

<b>Contribuição dos Autores</b>	<b>M. J. C. Cunha</b>	<b>V. A. Côrrea</b>
1) concepção e planejamento.	X	
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X